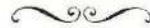


O súbito clarão de uma faísca  
Explode no horizonte azul e risca  
O alto manto do céu em que se enflora...

Assim, a ideia nova em nossa mente:  
Eclode num lampejo incandescente  
E abre caminho pelo mundo afora...



tejado da escola parnasiana, é também um espírito dotado de filantropia e um juiz culto e reto.» (Aracaju, Sergipe, 30 de Janeiro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 30 de Março de 1928.)

BIBLIOGRAFIA: *Primícias*; *Poeira do Meu Caminho*; *Visão das Horas*; etc.

4. Leia-se *in-te-rior*, com sinérese.

NESTOR VITOR dos Santos \*



EUTANÁSIA

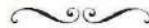
- 1 Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...  
— Invisível chacal na tocaia da presa.  
Na máscara do rosto, a ansiedade retesa  
Aparenta velar a dor do último dia.
  
- 5 Choras ao ver prostrada a criatura indefesa  
Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,  
E intentas ministrar-lhe a branda anestesia  
Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.

(\*) Poeta, conteur, romancista, crítico, Nestor Vitor foi também, no dizer de Andrade Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 268,), «pensador moralista penetrante». Vice-diretor, aos 26 anos, do Internato do Ginásio Normal, atual Colégio Pedro II. Colaborou em vários jornais do Rio, entre os quais *O Paiz*, o *Correio da Manhã* e *O Globo*. Patrono, na Academia Paranaense de Letras, da cadeira n.º 27, tendo pertencido à extinta Academia de Letras do Paraná. Amigo particular de Cruz e

Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...  
A alma jungida à carne, em pranto amargo e mudo,  
Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:

— “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!  
Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”

14 E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: — “Espera!”



Souza, foi NV o crítico principal do Simbolismo em plagas brasileiras. Brito Broca não vacila em colocá-lo entre os melhores críticos brasileiros. Para Fernando Góes (*Pan.* IV, pág. 78), «a poesia não foi o forte de Nestor Vitor, antes é a sua parte mais vulnerável». (Paranaguá, Paraná, 12 de Abril de 1868 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Outubro de 1932.)

**BIBLIOGRAFIA:** Signos; Transfigurações; etc.

1. Note-se a aposiopese.
5. Leia-se *cria-tu-ra* em três sílabas.
14. A título de curiosidade, veja-se, do Autor, o soneto “Morte Póstuma”, de *Transfigurações*, in *Pan.* IV, pág. 79.

Antônio CUNHA MENDES \*



ASAS

Terra, nada reténs que o verme não carcoma!...  
Tudo nasce e caminha ante o poente aziago...  
Toda pompa a luzir, qual furacão num lago, —  
Túrbida agitação sobre a undiflava coma...

- 5 Na urna de Moisés vês longínqua redoma;  
No fausto de Alexandre, um painel triste e vago...  
A cinza sepulcral dos salões de Cartago
- 8 Soterrou no silêncio os mármores de Roma...

(\*) Depois de ter publicado seus primeiros versos em alguns jornais de seu Estado natal, e aí pertencido à «Padaria Espiritual», CM transferiu-se para S. Paulo, onde concluiu o curso de Direito e dirigiu a *Revista do Brasil*, que apresentava colaboradores do gabarito de Emílio Kemp, Carvalho Aranha, Amadeu Amaral e outros. Escreveu em revistas simbolistas e em jornais da época, como *O Paiz*, do Rio, principal-